

O Estado de S. Paulo

5/5/1985

Contra a violência, só discursos

Franco Montoro certamente sabia que a chegada de um representante do PMDB ao Palácio dos Bandeirantes abriria a válvula das manifestações sociais, contidas por 19 anos de regime militar. "São Paulo e todo o País têm enormes potencialidades que estão sendo desperdiçadas por uma política sobre a qual a Nação não foi ouvida", ele dizia no Primeiro ano de governo. "Nenhuma política econômica pode justificar mais recessão, mais fechamento de fábricas, mais desemprego, mais arrocho salarial. A dívida externa não pode ser paga com a fome dos brasileiros. Não podemos assistir passivamente ao agravamento da pobreza de nosso povo."

O governador sempre foi bom de discurso. Mesmo assim, assistiu passivamente, da janela do Salão de Despachos, à invasão dos jardins do Palácio por um grupo de desempregados, 20 dias depois de ter tomado posse, e na seqüência de saques e depredações na Capital. "Trata-se de uma tentativa de desestabilização. Eu acredito que existe um plano engendrado por pequenos grupos para tentar acabar com a democracia implantada pelo meu governo em São Paulo", declarou Montoro.

Os desempregados, estimulados pelos "pequenos grupos" detectados pelo governador, continuaram a agir. Em setembro de 83, acamparam no Ibirapuera, enquanto prosseguiram os saques e depredações na cidade. Até o então presidente João Figueiredo achou que era hora de tomar providências. Embora sem mencionar nenhum episódio específico, o presidente assinou nessa época o Decreto-Lei nº 88.737, determinando que as Polícias Militares de todos os Estados ficassem sob o comando da unidade do Exército da área, em caso de distúrbios.

Em janeiro de 84 Montoro se engajou na campanha das diretas-já. A Partir daí começou a viver o que em psicologia se chama "dupla personalidade". Sua imagem política cresceu em todo o País, alimentada por viagens freqüentes e ativa participação nos comícios da oposição. Internamente, ao contrário, empurrou até onde pôde a crise administrativa e política provocada por seu filho Eugênio, secretário da Casa Civil. Em fevereiro, finalmente, exonerou o filho e o secretário Castelo Branco, substituindo-os por Roberto Gusmão, como secretário de Governo. Com um certo alívio, o próprio Montoro explicou que a tarefa de Gusmão seria "tirar a sobrecarga de trabalho do governador, para que possa sair mais para o Interior".

Também em outras ocasiões o governador deu mostras de que prefere repartir a responsabilidade de tornar decisões exigidas pelo cargo. Por exemplo, no primeiro ano de mandato criou 33 conselhos, 14 comissões, seis grupos de trabalho, dois grupos executivos, um comitê de consulta e um grupo de ação.

A partir de abril de 84 pipocaram as greves de professores, metalúrgicos, cortadores de cana de Guariba e região, apanhadores de laranja de Bebedouro, motoristas e cobradores de ônibus da Capital. No caso dos ônibus, Montoro recebeu críticas dos dois lados. Primeiro, os empresários reclamaram que a polícia demorou muito a agir, para dissolver os piquetes, e se não fosse isso eles conseguiriam colocar os coletivos na rua. Depois da intervenção da PM, os grevistas o acusaram de ter permitido a violência policial.

No episódio de Guariba o governador simplesmente desapareceu durante 72 horas. Em sua primeira manifestação sobre o conflito, culpou a crise econômica pelos problemas dos trabalhadores e pediu a colaboração dos usineiros para solucionar a crise com os bóias-frias. Talvez ele não soubesse, mas nesse dia, 18 de maio, os secretários Gusmão e Pazzianotto já tinham costurado um acordo entre usineiros e bóias-frias.

Em junho, já depois da derrota da emenda Dante de Oliveira e do sonho das diretas ainda em 84, reapareceu o Montoro nacional. No dia 12, ele convidou nove governadores da oposição para um encontro em São Paulo: começava assim uma nova campanha, vitoriosa, para lançar a candidatura de Tancredo Neves à Presidência da República pelo colégio eleitoral.

Dois dias depois o governador voltou a mostrar sua outra face aos paulistas. Ele se dispôs a abrir as portas do Palácio para dois mil manifestantes, favelados de Diadema. Diante da platéia que reclamava do preço das contas de água e de luz, fez um discurso sobre a importância da eleição direta do presidente da República. Foi vaiado.

Fazendo um balanço das greves do primeiro semestre de 84, a Delegacia Regional do Trabalho observou que elas haviam aumentado, em relação ao mesmo período do ano anterior — 64 contra 39. Elas prosseguiram até o fim do ano. Em novembro, a polícia desalojou grevistas acampados há 11 dias na fábrica Aços Villares, em São Caetano do Sul. Nesse mesmo mês, aproveitando a insatisfação de motoristas e cobradores com a falta de segurança e grande número de assaltos, o sindicato da categoria usou esse argumento para a mobilização e deixou o ABC sem transporte coletivo durante dois dias. Em dezembro aconteceu a segunda paralisação do ano na GM de São Caetano.

A essa altura, o governador Montoro já havia percorrido quase todo o País, novamente fazendo comícios.